

# HAICAIS TROPICAIS

Alberto Marsicano, Alice Ruiz S, Alonso Alvarez, Aluísio Azevedo, Austen Amaro, Camila Jabur, Eunice Arruda, Fanny Luiza Dupré, Gustavo Alberto Correa Pinto, Jorge Fonseca Jr., Manoel de Barros, Marcelo Tápia, Mario Quintana, Paulo Mendes Campos, Primo Vieira, Régis Bonvicino, Ricardo Silvestrin, Sérgio Milliet, Teruko Oda.

Azevedo, Austen Amaro, Camila Jabur, Eunice Arruda, Fann  
Jr., Manoel de Barros, Marcelo Tápio, **Mario Quintana**, Paul  
vicino, Ricardo Silvestrin, Sérgio Milliet, Teruko Oda, Alberto  
usten Amaro, **Camila Jabur**, Eunice Arruda, Fanny Luiza Dupré  
de Barros, Marcelo Tápio, **Mario Quintana**, Paulo Franchetti,  
ndo Silvestrin, Sérgio Milliet, Teruko Oda, Alberto Marsicano  
ro, Camila Jabur, Eunice Arruda, Fanny Luiza Dupré, Gustavo  
arcelo Tápio, **Mario Quintana**, **Paulo Franchetti**, **Paulo Mendes**  
Sérgio Milliet, **Teruko Oda**, **Alberto Marsicano**, **Le Ruiz S**  
ur, Eunice Ar  
**Haicais tropicais**  
ario Quintana, **Paulo Franchetti**, **Paulo Mendes Campos**, **Prim**

## Haicais tropicais

Alberto Corre

Campos Prim

ORGANIZADO POR  
RODOLFO WITZIG GUTTII LA

Copyright dos poemas © 2018 by Os autores  
Copyright da introdução e das biobibliografias © 2018 by Rodolfo Witzig Guttilla

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa  
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa e projeto gráfico* Retina 78

*Preparação* Silvia Massimini Felix

*Revisão* Ana Maria Barbosa e Thaís Totino Richter

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Haicais tropicais / Rodolfo Witzig Guttilla (org.). —  
1ª ed. — São Paulo : Boa Companhia, 2018.

Vários autores

ISBN 978-85-65771-16-0

1. Haicais — Coletâneas 2. Poesia brasileira 1. Guttilla,  
Rodolfo Witzig.

18-18908

CDD-869.1

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Poesia haicai : Literatura brasileira 869.1

Maria Paula C. Riyuzo — Bibliotecária — CRB-8/7639

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](http://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](http://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](http://twitter.com/cialetras)

## Sumário

### 7 INTRODUÇÃO

15	Alberto Marsicano
23	Alice Ruiz S
31	Alonso Alvarez
39	Aluísio Azevedo
45	Austen Amaro
53	Camila Jabur
61	Eunice Arruda
69	Fanny Luiza Dupré
77	Gustavo Alberto Correa Pinto
85	Jorge Fonseca Jr.
93	Manoel de Barros
101	Marcelo Tápia
107	Mario Quintana
115	Paulo Franchetti
123	Paulo Mendes Campos
127	Primo Vieira
135	Régis Bonvicino
141	Ricardo Silvestrin
149	Sérgio Milliet
155	Teruko Oda

163	Agradecimentos
165	Créditos
167	Sobre o organizador

# INTRODUÇÃO

## ANTECEDENTES

O *hokku* (depois *haiku* ou haicai, em sua forma abrasileirada), poema japonês de três versos que descende do *waka* — gênero poético surgido no século VII —, atingiu o apogeu no século XVII com Bashô (1644-94). Poeta e praticante do zen-budismo, Matsuó “Bashô” nasceu na província de Iga, numa família de samurais. Entre 1662 e 1666, estudou poesia sob orientação de Kitamura Kigin (1624-1705). Em 1672, mudou-se para Edo (a Tóquio atual), capital do império, para se aprimorar nas artes da pintura e da poesia.

Reconhecido em vida como um mestre inigualável, Bashô fundou sua própria escola (a Shômon) e teve diversos seguidores. Dentre os mais importantes destacam-se Enomoto (Takarai) Kikaku, Hattori Ransetu, Mukay Kiorai, Kagami Shikô, Naitô Jôsô, Sugiyama Sampû, Shida Yaha, Ochi Etsujin, Tachibana Hokushi e Morikawa Kyoroku. Esse grupo ficou conhecido como “haicai Jittetsu” (os dez mes-

tres do haicai). Além desses, vale ainda a menção a Nozawa Bonchô.

Em seguida a esse período virtuoso, Yosa Buson (1716-84), Kobayashi Issa (1763-1827) e Massaoka Shiki (1867-1902) se destacaram no *kadô* (ou “caminho da poesia”). Shiki, segundo a tradição, também se dedicou à pesquisa da intenção, da forma, do estilo e, de modo mais geral, da *poiesis* que anima o *haiku* (o leitor interessado pela poesia japonesa e sua história conta com uma extensa bibliografia nas línguas inglesa e francesa, e alguns poucos livros e artigos em espanhol e português).

O haicai foi introduzido no Brasil em 1906 por iniciativa de Monteiro Lobato, que pioneiramente traduziu e publicou seis poemas no jornal *O Minarete*. Em 1919, coube ao poeta e crítico Afrânio Peixoto estabelecer a primeira forma do haicai à brasileira: três versos, com cinco, sete e cinco sílabas, respectivamente, num total de dezessete sílabas métricas.

No ano emblemático de 1922, o haicai (então grafado *haikai*, ou *hai-kai*, por influência francesa) era não só praticado, como também discutido por poetas modernistas: o segundo número da revista *Klaxon: Mensário de Arte Moderna*, veículo do movimento, publicou o artigo “A poesia japonesa contemporânea”, assinado por Nico Hourigoutghi, ensaísta e poeta de refinados *tanka* (outra forma poética japonesa que tem forte ligação com o haicai). Ainda nos anos 1920, influenciado pelo ambiente inovador e criativo da época, o

poeta *gauche* Carlos Drummond de Andrade publicou seus primeiros haicais na revista de variedades *Para Todos*, em 27 de junho de 1925.

Modernista de primeira hora, Guilherme de Almeida divulgou o pequeno poema japonês nos anos 1940 e na década seguinte, por meio de artigos no jornal *O Estado de S. Paulo* e de poemas reunidos em *Poesia vária* (1947) e *O anjo de sal* (1951). Também redefiniu a forma abrasileirada do haicai: três versos de dezessete sílabas métricas, o primeiro verso com cinco, o segundo com sete e o último novamente com cinco sílabas, a exemplo de Afrânio incorporando uma cadência de rimas nas últimas sílabas tônicas dos primeiro e terceiro versos, acompanhada por uma rima interna no segundo verso, resultando no seguinte arranjo:

\_\_\_\_\_ X  
\_ O \_\_\_\_\_ O  
\_\_\_\_\_ X

Em sua época, Guilherme de Almeida inaugurou as primeiras trocas de informações sobre o *haiku* e o haicai entre os imigrantes japoneses, seus descendentes e poetas locais, estabelecendo um intercâmbio inédito de grande valor heurístico para as gerações seguintes.

Mais tarde, autores tão distintos como Manuel Bandeira, João Guimarães Rosa, Mario Quintana, Oldegar Vieira, Erico Verissimo e Haroldo de Campos criaram, traduziram e comentaram o pequeno poema. Nos anos 1960 e 1970,

radicalizando a dicção poética e a temática modernista, Milôr Fernandes popularizou o haicai no país, projetando-o em revistas de grande circulação nacional, como *O Cruzeiro* e *Veja*. Nas duas décadas seguintes, o haicai se consolidou como uma das mais populares formas poéticas em nosso país, como afirmou o poeta e crítico Carlos Felipe Moisés. Dentre os que colaboraram para esse êxito, destacam-se principalmente Alice Ruiz S, Olga Savary e Paulo Leminski, que atraíram e cultivaram novos leitores por meio de publicações exemplares. E, num diapasão mais próximo ao classicismo — tanto pela temática como pelo estilo —, se destacaram Eunice Arruda e Teruko Oda.

Ao longo do tempo, o poema assumiu múltiplos e surpreendentes contornos em nosso país (muito diferentes da norma tradicional do *haiku*, bem como das formas abrasileiradas). Haicai mestiço e muito original, sempre em progresso.

#### HAICAIS TROPICais

A partir de meados dos anos 1980, dediquei-me a investigar a aclimatação do haicai no Brasil. A pesquisa teve como ponto de partida fontes primárias (primeiras edições e coleções de autores brasileiros que produziram ou comentaram o poema) e secundárias, como resenhas e reportagens publicadas em jornais e revistas de circulação nacional e de nicho divulgadas ao longo dos anos. Em 1987, participei da

criação do Grêmio Haicai Ipê, na cidade de São Paulo, dedicado ao estudo do *haiku* e do haicai no Brasil. Foi um período de grande aprendizado.

Como resultado desse trabalho, a Companhia das Letras publicou, em 2009, a coletânea *Boa companhia: Haicai*, que reuniu mais de duzentos haicais exemplares de poetas, escritores, tradutores e críticos de grande expressão e de haicaístas (poetas que se dedicaram ao haicai) conhecidos por um restrito grupo de amantes da boa poesia e do diminuto poema. No total, 24 autores, parcialmente agrupados em outras coletâneas, ensaios e artigos que inspiraram este organizador, como: *O haicai no Brasil* (1988), de H. Masuda Goga; “Influência da poesia oriental na literatura luso-brasileira: O hai-kai” (1989), de Primo Vieira; *Haikai* (1990), de Paulo Franchetti, Elza Taeko Doi e Luiz Dantas; *100 haicaístas brasileiros* (1990), de Francisco Handa, H. Masuda Goga e Roberto Saito; e *Oku: Viajando com Bashô* (1995), de Carlos Verçosa.

*Boa companhia: Haicais tropicais* é um novo registro da presença do haicai em nosso país, publicado no ano em que celebramos os 110 anos da imigração japonesa para o Brasil. Neste volume, procurei elencar autores que flertaram com o poema ou o adotaram em sua melhor forma para expressar sua visão de mundo e sua prática poética. Poetas e poemas que fazem parte de meu repertório e que, de forma distinta, admiro e acompanho.

Ao longo dos anos, examinei fontes diversas, como o artigo “Algumas aproximações entre a literatura do Brasil e do Japão”, de Geraldo Pinto Rodrigues, que, durante anos, dirigi a página “Semana Literária” do jornal *Folha da Manhã* — atual *Folha de S.Paulo*. Publicado em 1958, ano em que o Brasil celebrava o cinquentenário da imigração japonesa, o artigo revela as contribuições de poetas como Abel Pereira, Fanny Luiza Dupré, Guilherme de Almeida, Jorge Fonseca Jr. e Manuel Bandeira, dentre outros — alguns enfeixados aqui. Nessa nova jornada, decidi entrevistar poetas contemporâneos como Alonso Alvarez, Camila Jabur, Ricardo Silvestrin e Alice Ruiz S (com quem iniciei os contatos ainda nos anos 1990 e que, tendo em vista a qualidade de sua produção recente, foi incluída nesta nova antologia). Em minha investigação, topei ainda com tercetos e haicais publicados por Murilo Mendes e Paulo Mendes Campos.

Como não poderia deixar de ser, a seleção dos poemas, que mistura criações próprias a traduções de haicais clássicos — essas últimas grifadas em itálico —, se pautou pelos estados de espírito essenciais para a prática do haicai, como definidos por Reginald Horace Blyth (1898-1964) em sua tetralogia *Haiku*. São eles: abnegação, aceitação da solidão, desprendimento, ausência do ego, acolhimento da contradição, liberdade, simplicidade, ausência de moralidade, amor pelas coisas materiais e inanimadas, coragem e, por fim, humor, dentre os principais. Em linhas gerais, são estados de espírito presentes no zen-budismo e ausentes em nosso dia a dia — regido por valores materiais. O segredo da vida plena reside em buscar a justa medida e o equilíbrio, em

harmonia com o mistério tremendo e transitório de nossa experiência humana — também breve, como o haicai.

Nas páginas que seguem, apresentamos vinte poetas que, de forma única e múltipla, contribuíram para a popularização do haicai no Brasil. Haicais tropicais.

Rodolfo Witzig Guttilla

16 de julho de 2018

ALBERTO MARSICANO

Rua principal.  
Carros imergem  
na bruma.

Poema sem palavras  
Harpa sem cordas  
Portal sem portas

Freme frágil folha  
fléxil flana flui  
facho fléxil flutua

*fim de primavera  
choram os pássaros  
lacrimejam os peixes*

*mãos que plantam o arroz  
são as mesmas que  
outrora tingiam seda*

*até as chuvas de maio  
— deixaram intocado  
o reluzente templo*

*entre pulgas e piolhos  
recostado no travesseiro  
ouvia os cavalos mijarem*

*sol ardente  
apesar do vento  
de outono*

*caem folhas do salgueiro  
desejaria varrer o jardim  
antes de partir*

*nuvemovente céu  
me impediu contemplar  
a lua cheia de outono*

*mais melancólico  
que a praia de Suma  
o fim de outono*

*como as valvas do marisco  
que se separam em maio  
adeus, amigos, sigo através!*

## ALBERTO MARSICANO

(São Paulo, SP, 31 jan. 1952 — São Paulo, SP, 18 ago. 2013)

Em sua oficina poética, Alberto Marsicano pesquisou, traduziu e compôs o haicai com apuro e perspicácia. Em 1988, publicou o livro *Haikai*, no qual verteu para o português, com a colaboração de Kensuke Tamai e Beatriz Shizuko Takenaga, poemas clássicos de Bashô, Busson, Issa, Jôsô, Kikaku e Shiki, dentre os mais conhecidos poetas da tradição nipônica. A edição foi ilustrada com delicados ideogramas pelo pincel de Kyoko Tosaka, praticante do *shodô* (ou “caminho da escritura”, técnica que elevou a caligrafia japonesa ao status de arte).

Na música, foi discípulo de Krishna Chakravarty e Ravi Shankar. Introdutor e virtuose do sitar (instrumento de corda hindu) em nosso país, Marsicano criou um magnífico ambiente sonoro para o CD *Galáxias*, com poemas do livro homônimo de Haroldo de Campos, em 1984. Na literatura, além do ofício propriamente poético, traduziu expoentes da poesia inglesa como William Blake, John Milton, Percy B. Shelley e William Wordsworth.

Em 6 de dezembro de 1986, o haicai que inaugura esta antologia foi reconhecido no 1º Encontro Brasileiro de Haicai. Os dois seguintes foram publicados na coletânea *100 haicaístas brasileiros*, no mesmo ano — sendo que o segundo denuncia sua forte ligação com o estilo de Pedro Xisto, exímio haicaísta de estirpe concretista.

Os demais poemas são fruto da mais brilhante contribuição de Marsicano para a aclimatação do haicai no país: *Trilha estreita ao confín*, uma tradução do japonês, em parceria com Kimi Takenaka, de *Oku no Hosomichi*, o mais popular *haibun* (diário que reúne memórias, relatos de viagem e haicais) de Matsuó Bashô, publicada no Brasil em 1997.